

Já não se falla na fonte das *boiotas*, nem nas aguas ferreas de Matacavallos, da antiga chacara da Bica.

A Carioca tristonha pode dizer *eu era assim* (quando de suas 36 torneiras jorrava a agua em profusão) e *estou ficando assim* (servindo de pouso a vagabundos). Que pelo menos fique perpetuamente guardada pelo cuidado das religiosas da Ajuda a fonte das *Saracuras*, salvo si alguma desapropriação por *utilidade publica* não vier arrancar o brazão do conde de Resende, que parece não ter sido tão casmurro, nem tão mão administrador como se pretendeu.

Essa é a opinião do paciente investigador dos archivos da Sancta Casa de Misericordia, onde se encontram provas do zêlo, intelligencia e perspicacia daquelle vice-rei, que foi um dos melhores provedores da Misericordia.

Por hoje — disse.

25 de Outubro de 1896.

---

## A RUA DO COTOVELLO

Escreptores e poetas, em prosa ou verso, têm celebrado as bellezas desta leal e heroica cidade.

Porque não poderei tambem contar o passado da rua em que nasci?

Quasi rival da rua do Ouvidor, eil-a hoje decaída, desmoralizada, com o nome na policia e termo de bem-viver, espantalho constante das auctoridades de S. José, quartel general de capoeiras, scenario de rôlos, de facadas e de luctas, por amor de Dulcinéas da mais baixa classe!

Nos seus soliloquios bem pôde repetir os célebres versos:

Quando as glorias que eu gozei  
Vou na mente revolvendo, etc.

Entretanto, nem sempre foi assim. Deu-lhe o tiro de honra, em 1862, a Companhia Ferry, fazendo desaparecer da praia de D. Manoel a ponte das barcas de Niteroi, e Botafogo, que constituam a *great attraction* do antigo becco do Cotovello.

Quem não se lembra da quotidiana, continua e obrigada procissão de tudo quanto havia no *high-life* desse tempo? Era encantador vêr as senhoras ostentando os vestidos nesgados, as

mangas de presunto, os chales de Tonkin, os sapatos sem salto, com fitas cruzadas no peito do pé e na parte inferior das pernas, e mais tarde as immensas saias-balão e os chapéus salta-carço, os petizes com suas botas contidas pelas corrêas de fivela, e as jovens trazendo os leves vestidos de cassa, de fustão ou organdy. Vultos politicos, poetas distinctos, capitalistas, notabilidades, enfim tudo passava pelo becco, dando-lhe aspecto festivo de um verdadeiro pequeno *boulevard*, no tempo em que a calça de ganga ou as presilhas eram o requinte da moda.

A barca das nove era a dos empregados publicos, que, morando na cidade, tinham de ir á antiga Villa Real da Praia Grande, assignar o ponto e fazer jús ao cobre. Foi nesse tempo que vi pela primeira vez o Itaborahí, o Sousa Franco, o Aureliano, o velho Castro e Silva, o Firmino Silva.

*Quantum mutatus ab illo!*

Começando na ladeira do Castello, ia terminar no antigo Porto dos Padres da Companhia, tão elogiado por sua posição na correspondencia de Luiz Vahia (o *Onça*), quando começou a jogar as cristas com o Senado da Camara desta cidade.

Ahi se constituiu mais tarde a estação das falúas, que não só serviram, umas para conduzir passageiros para a banda d'além, e outras para trazer lenha, cal e materiaes para os vastos armazens, de cujos donos apenas existe hoje o velho Diogo Faria, que deve ter perto de cem annos.

A parte entre a ladeira e a rua da Misericordia era tambem conhecida por becco do Açougue, por estar na esquina o *Açougue Grande*.

No Sabbado da Alleluia enfeitava-se de flores de mangueira e bandeiras, para denotar a terminação da quaresma e do reinado do camarão, do bacalhão e do *mulato velho*.

Nesse tempo custava a carne 160 réis a libra, e vinha de muito perto, alli do matadouro de Sancta Luzia, sem monopolio, sem baldeação nem contractos.

Tudo isso era regulado pelo almotacé, que tinha no açougue uma cadeira por throno, e por sceptro um grosso cacete, com que afugentava os atravessadores.

Para o lado do mar era conhecido tambem por becco do Padre Vicente, no canto do qual havia o antigo oratorio de Nossa Senhora das Brottas, na esquina do sobrado possuido em 1760 pelo capitão Ignacio de Vasconcellos. Nesta casa, onde nasceu em 1866 um dos turunas do P. R. F., o mansueto A. G., era visto com muita assiduidade o chefe cá de casa, quando, chegado havia

pouco de S. Paulo, vestia umas calcinhas coévas dos calções do Balduino das dictas e do escrivão José Gomes, os quaes, ambos moradores no becco do Cotovello, nunca quizeram passar por *sans culottes* e usaram sempre até á morte esse vestuario.

Havia duas célebres confeitarias : a de S. Januario, em cuja taboleta estava pintada a imagem do sancto, de baculo e mitra, parecendo convidar os transeuntes a virem saborear as bellas em-padinhas de palmito ou as roscas do barão, e a do José Henrique, notavel pela fama de suas geléas de gallinha, marmello e mocotó ! Como alfaiate de *fama* notava-se o velho *Mirindiba*, mulato prosa; na sua loja existia pendurado um retrato do Nunes Machado, cuja biographia elle conhecia de cór e salteado.

Havia tambem o theatro de S. Januario, do qual já alguma cousa disse o *Velhote*, inaugurado em 2 de Agôsto de 1834, pelo J. Evangelista, Maria Soares, Victor de Borg e Ludovina.

Nelle brilharam João Caetano, Joaquim Augusto, Gabriella, o Germano, o Pimentel, e começaram a carreira o Heller e a esposa, o Thomaz Espiuca e o octogenario José Luis da Silveira, que ainda vive; estes faziam parte da companhia do Florindo, que, representando, pelos seus esgares e ranger de dentes, chegava a metter medo á menina, como acontecia no *Homem da Mascara Negra*; nos *Dous Renegados* e outros dramalhões tão apreciados pela classe caixeiral nos espectaculos da tarde.

Nesse theatro se deram os primeiros bailes carnavalescos, representaram-se os primeiros *vaudevilles*, no tempo de uma companhia franceza. Nelle esteve, por algum tempo, a Opera Nacional, onde cantavam o Amat, a Luiza Amat, o Trindade, o Hygino, a Carlota Milliet, a Julia Millan e o Ribas, impagavel na *Volta de Columella*, no *Brincar com fogo*, *Chispim* e a *comadre e Expostos* !

Nas luctas a proposito do 29 fui sempre, ainda que menino, do partido de João Caetano, porque a musica do 29 no S. Pedro era mais entusiasta e era tocada pelo 1º batalhão de fuzileiros ! Como era bom ir-se ao theatro naquelles tempos ! Ninguem ficava em casa; até as mucamas e cozinheiras iam apreciar as mutações das *Pilulas do Diabo*.

Levavam-se esteiras para crianças de mamma, cadeiras para os mais taludos, comia-se nos intervallos peixe frito com pão, e nunca era exquecida a classica moringa de dous bicos, capaz de dar de beber a um regimento.

O panno de bocca representava o largo do Rocio (sem estatua), onde morava uma parenta nossa, e lembro-me de uma

feita que eu, ao chegar ao camarote, berrava como um doudo, porque não queria ficar allí, mas ir para defronte, para casa da prima Maria Rita. Das 9 às 9  $\frac{3}{4}$  era desagradavel estar nos camarotes do lado do mar; sentia-se um mau cheiro de entontecer, devido aos *tigres* que se atiravam da ponte dos despejos, para tomar o costumado e nocturno banho.

E não havia microbios, nem febre amarella, nem cholera!

Bons tempos dos lampeões de azeite de peixe!

A gente com dous vintens podia tomar um fartão de balas do Parto, amendoins, pipocas, pamonhas, pés de moleque, ou roletes de canna creoula!

Houve para o nosso becco um dia de tristes recordações, em 1844, quando se deu a explosão da barca *Especuladora*, em uma vespera do Espirito Sancto!

Tirante isso, tudo eram alegrias.

Subiu de categoria de becco, passou a rua; mas a decadencia começara e, apesar de a chrismarem com o nome de frei Vital, as bichas não pegaram e ella ahí está mostrando a todos o *vanitas vanitatum* das cousas humanas.

Podia erguer-se, quando se fallou na construcção de uma dóca na praia, contra o que se oppoz, no ministerio Dantas o nosso amigo Del-Vecchio!

Para consolar-se tem ella o Desinfectorio e o Necroterio! Irá para allí a praça do Mercado. Não sei — *dicant Paduani*, isto é, o prefeito, o governo, o Nuno Alvares, o Heredia e o Julio do Carmo.

Vamos acabar. Em fraldas de camisa, jogando o seu peão, soltando papagaios, brincando o tempo será, passou allí a infancia o inspirado carioca, futuro successor do José Mauricio — o hoje maestro Henrique de Mesquita. Enquanto vai caminho do Capitolio o auctor do *Guarany*, o redivivo Carlos Gomes, é lançado na rocha Tarpeia o auctor do *Vagabundo*, graças ao *vêto* com que o velho Henrique foi mimoseado pelo prefeito, que, entretanto, gosta muito e muito de musica.

Chegamos ao fim desta caceteação... e ao *clou*. Conhecem o Bitú, soldado do batalhão dos Henriques, victima das aguas do monte em 1811?

Pois morou, morreu e está sepultado na rua do Cotovello!

Sôbre a campa do pobre Victorino existe hoje um jardim. Si algum dia, por exigencias do recúo, tiver de ser demolido tal horto, e na terra revôlta se encontrar um esqueleto, fiquem sabendo os posterios, que não se tracta de um novo *Castro Malta*, mas

da carcassa authentica do Bitú (*victima do alcoolismo*), esperando pela resurreição da carne para, como outr'ora, poder cantar :

Vem cá, Bitú, vem cá  
 Que é d'elle, o teu camarada ?  
 Agua do monte o levou.  
 Não foi nada, não foi nada,  
 Foi cachaça que o matou !

11 de Novembro de 1896.

---

### AS CADEIRINHAS

*Les dieux s'en vont ! — Tudo no mundo fenece !* Taes as exclamações que soltei ao ver parada juncto da escadaria da Sancta Casa uma cadeirinha de cortinas de chita, muito suja e desconjunctada, da qual eram carregadores dous typos vulgares e que fumavam cigarros *permanentes*, pensando naturalmente na morte da bezerra.

Não eram assim os Godos de Oeste, dizia o Herculano, no seu *Eurico*; não eram assim, repetirei, as cadeirinhas do meu tempo.

Essa que vi é um typo degenerado ; não tem o *chic* e a elegancia das outras; só sai furtivamente á rua para conduzir doentes, esconde-se lá para as bandas da rua da Imperatriz e nem deveria figurar no orçamento municipal.

Não tendo á mão o *Larousse*, não posso dizer se as cadeirinhas são invento dos Mouros, dos Phenicios, dos Hebreus, et *reliqua*.

Sei que existem ha muitos seculos na Hispanha e em Portugal.

Dahi passaram aa Brasil, sendo usadas na Bahia, onde, até hoje, gosam do direito de cidade, e apezar de lá haver o célebre *parafuso* do Lacerda e outros.

Aqui na nossa cidade, usou-se e abusou-se das cadeirinhas, como ainda hoje se usa e se abusa dos bondes. Era o séstro da epocha.

Não havia familia, mesmo remediada, que não tivesse a sua cadeirinha, a qual era guardada suspensa por meio de roldanas, no tecto do corredor.